



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 15 de Novembro de 2000

A Palavra, a Eucaristia e os cristãos divididos

Queridos Irmãos e Irmãs,

1. Como eu já indicava na *Tertio millennio adveniente* (cf. nn. 53 e 55), no programa deste Ano jubilar não podia faltar a dimensão dos diálogos ecuménico e inter-religioso. A linha trinitária e eucarística, que desenvolvemos nas catequeses precedentes, conduz-nos agora a deter-nos neste aspecto, tomando em consideração antes de tudo o problema da recomposição da unidade entre os cristãos. Fazemo-lo à luz da narração evangélica sobre os discípulos de Emaús (cf. *Lc* 24, 13-35), observando o modo como os dois discípulos, que se afastavam da comunidade, foram impelidos a percorrer o caminho oposto e ir de novo ao encontro dela.

2. Os dois discípulos voltavam as costas para o lugar em que Jesus tinha sido crucificado, porque este evento era para eles uma desilusão cruel. Pelo mesmo facto, afastavam-se dos outros discípulos e retornavam, por assim dizer, ao individualismo. "Conversavam entre si sobre tudo o que acontecera" (*Lc* 24, 14), sem entenderem o seu sentido. Não compreendiam que Jesus morreu "para trazer à unidade os filhos de Deus que andavam dispersos" (*Jo* 11, 52). Viam apenas o aspecto tremendamente negativo da cruz, que arruinava as suas esperanças: "Nós esperávamos que fosse Ele Quem libertasse Israel!" (*Lc* 24, 21). Jesus ressuscitado aproxima-se e caminha com eles, "os seus olhos, porém, estavam impedidos de O reconhecerem" (*ibid.*, v. 16), porque do ponto de vista espiritual se encontravam nas trevas mais obscuras. Jesus então empenha-se com admirável paciência em fazer com que retornassem à luz da fé, por meio de uma longa catequese bíblica: "E, começando por Moisés e seguindo por todos os profetas, explicou-lhes em todas as Escrituras tudo o que Lhe dizia respeito" (*ibid.*, v. 27). O coração deles

começou a arder (cf. *ibid.*, v. 32). Pediram ao seu misterioso companheiro que permanecesse com eles. "E, quando Se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho.

Abriam-se-lhes os olhos e reconheceram-n'O; mas Ele desapareceu da sua presença" (*ibid.*, vv. 30-31). Graças à explicação luminosa das Escrituras, passaram das trevas da incompreensão para a luz da fé e tornaram-se capazes de reconhecer Cristo ressuscitado "quando Ele partiu o pão" (*ibid.*, v. 35).

O efeito desta mudança profunda foi um impulso a retomar o caminho imediatamente e regressar a Jerusalém, para se unirem "aos Onze e aos outros que estavam com eles" (*ibid.*, v. 33). O caminho da fé havia tornado possível a união fraterna.

3. O nexó entre a interpretação da palavra de Deus e a Eucaristia aparece também noutra lugar do Novo Testamento. No seu discurso, João relaciona esta palavra com a Eucaristia quando no discurso de Cafarnaum nos apresenta Jesus que evoca o dom do maná no deserto, reinterpretando-o em chave eucarística (cf. *Jo* 6, 32-58). Na Igreja de Jerusalém, a assiduidade em escutar a *didaqué*, isto é, o ensinamento apostólico baseado na palavra de Deus, precedia a participação na "fracção do pão" (*Act* 2, 42).

Em Tróade, quando os cristãos se reuniram à volta de Paulo para "partir o pão", Lucas refere que a reunião começou com longos discursos do Apóstolo (cf. *Act* 20, 7), certamente para nutrir a fé, a esperança e a caridade. De tudo isto resulta claro que a união na fé é a condição prévia para a participação comum na Eucaristia.

Com a Liturgia da Palavra e a Eucaristia como nos recorda o Concílio Vaticano II, citando São João Crisóstomo (*In Joh. hom.* 46) "os fiéis unidos ao Bispo, tendo acesso a Deus Pai mediante o Filho, o Verbo encarnado, morto e glorificado, na efusão do Espírito Santo, conseguem a comunhão com a Santíssima Trindade, feitos "participantes da natureza divina (*1 Pd* 1, 4)! Por isso, pela celebração da Eucaristia do Senhor, em cada uma dessas Igrejas, a Igreja de Deus é edificada e cresce, e pela concelebração se manifesta a comunhão entre elas" (*Unitatis redintegratio*, 15). Este vínculo com o mistério da unidade divina gera, portanto, um laço de comunhão e de amor entre aqueles que se sentaram à única mesa da Palavra e da Eucaristia. A única mesa é sinal e manifestação da unidade. "Por conseguinte, a comunhão eucarística está inseparavelmente ligada à plena comunhão eclesial e à sua expressão visível" (*A busca da unidade Directório ecuménico* de 1993, n. 129).

4. Nesta luz se compreende como as divisões doutrinárias, existentes entre os discípulos de Cristo reunidos das diversas Igrejas e Comunidades eclesiais, limitam a plena partilha sacramental. O Baptismo é, entretanto, a raiz profunda de uma unidade fundamental que une os cristãos apesar das suas divisões. Portanto, se a participação na mesma Eucaristia permanece excluída para os

cristãos ainda divididos, em casos específicos previstos pelo *Directório ecuménico* é possível introduzir na Celebração eucarística alguns sinais de participação que exprimem a unidade já existente e vão na direcção da plena comunhão das Igrejas em torno da mesa da Palavra e do Corpo e Sangue do Senhor. Assim, "em ocasiões excepcionais e por justa causa, o Bispo diocesano pode permitir que um membro de outra Igreja ou Comunidade eclesial exerça a função de leitor durante a Celebração eucarística da Igreja católica" (n. 133). De igual modo, "todas as vezes que uma necessidade o exigir ou uma verdadeira utilidade o aconselhar e contanto que seja evitado o perigo de erro ou de indiferentismo", entre os católicos e os cristãos orientais é lícita uma certa reciprocidade para os sacramentos da penitência, da Eucaristia e da unção dos enfermos (cf. nn. 123-131).

5. Todavia, a árvore da unidade deve crescer até à sua plena expansão, como Cristo invocou na grande oração do Cenáculo, aqui proclamada na abertura (cf. *Jo* 17, 20-26; *UR*, 22). Os limites na intercomunhão diante da mesa da Palavra e da Eucaristia devem transformar-se num apelo à purificação, ao diálogo, ao caminho ecuménico das Igrejas. São limites que nos fazem sentir de maneira mais forte, precisamente na Celebração eucarística, o peso das nossas lacerações e contradições. A Eucaristia é assim um desafio e uma provocação inserida no próprio coração da Igreja, para nos recordar o intenso, extremo desejo de Cristo: "Para que todos sejam um só" (*Jo* 17, 11.21).

A Igreja não deve ser um corpo de membros divididos e que sofrem, mas um organismo vivo e forte que progride sustentado pelo pão divino, como é prefigurado no caminho de Elias (cf. *1 Rs* 19, 1-8), até ao ápice do encontro definitivo com Deus. Lá finalmente se cumprirá a visão do Apocalipse: "E vi a cidade santa, a nova Jerusalém que descia do Céu, de junto de Deus, bela como uma Esposa que se ataviou para o seu Esposo" (21, 2).

Saudações

Caríssimos Irmãos e Irmãs

Amados peregrinos de língua portuguesa, saúdo cordialmente todos os presentes e, de modo especial, os grupos brasileiros da diocese de Novo Hamburgo e da paróquia de São Marcos, no Rio de Janeiro. Desejo-lhes, como fruto desta peregrinação jubilar, aquela renovação de vida que nasce do encontro pessoal com Cristo e frutifica num serviço solidário e desinteressado aos mais pobres da comunidade. Com estes votos, de bom grado a todos abençoo.

Dirijo-me, por fim, *aos jovens, aos doentes e aos novos casais*.

Celebramos hoje a memória de Santo Alberto Magno, Bispo e Doutor da Igreja, grande teólogo, que soube unir de modo exemplar uma intensa vida de oração a um apaixonado estudo da verdade da fé.

Caros jovens, nunca vos canseis de conhecer, amar e seguir o Senhor. Só Ele tem palavras de vida eterna, capazes de dar pleno significado à existência. Vós, queridos *doentes*, que experimentais a fadiga do sofrimento, sabeis sentir a presença consoladora de Cristo, que vos convida a participar com fé na potência salvífica da sua Cruz. Vós, enfim, amados *novos casais*, fiéis à vossa vocação, sede no mundo imagem luminosa do amor de Deus, através da fidelidade, unidade e fecundidade do vosso amor.